

# Júri do caso Chico Mendes terá reforço policial

Do correspondente em Rio Branco e da Reportagem Local

Cem homens da Polícia Militar do Acre vão dar segurança aos visitantes, líderes sindicais, artistas e políticos nacionais e estrangeiros que vão assistir, na quarta-feira, o julgamento do fazendeiro Darli Alves da Silva e de seu filho, Darci, acusados pela morte do líder sindical e ecologista Chico Mendes. Além do efetivo deslocado de Rio Branco, o 3º Pelotão da 2ª Companhia Independente da PM em Xapuri vai colocar 30 soldados nas ruas durante o julgamento.

O comandante do pelotão de Xapuri, tenente João Batista dos Santos Ribeiro, disse que os policiais farão a guarda e a vigilância das famílias Alves da Silva e Mendes, no decorrer do julgamento. A viúva de Chico Men-

des, Ilzamar Mendes, e parentes do sindicalista assassinado vão contar com uma proteção discreta. As famílias de Alvarino Alves —que está foragido— e de Darli também contarão com um esquema de segurança idêntico. A PM montará barreiras nas estradas de acesso a Xapuri e fará apreensão de armas.

O juiz de Xapuri, Adair Longuini, devido às pequenas acomodações do Fórum da cidade, está tendo dificuldades para acomodar as pessoas que vão assistir o julgamento de Darli Alves e Darci, na quarta-feira. Das 110 cadeiras, dez foram reservadas para parentes próximos de Chico Mendes; dez para família dos Alves; 50 para a imprensa e as 70 restantes para o público.

As testemunhas de acusação são 15. Uma delas, o garoto Genésio, 14, recebe segurança

especial, em local escondido no interior de São Paulo. Genésio morou desde pequeno na fazenda Paraná, de propriedade de Darli Alves da Silva. Durante o processo, Genésio fez sérias acusações contra Darli e amigos. Ele chega terça-feira no Acre para o julgamento, sob forte esquema de segurança.

O advogado Márcio Thomaz Bastos, assistente de acusação dos acusados do assassinato do líder sindical Chico Mendes, refutou ontem as declarações do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho. O ministro disse que "há o perigo de que o advogado de defesa peça a anulação do julgamento, alegando que o júri foi coagido". Segundo Thomaz Bastos, "qualquer advogado sabe que a nulidade de um julgamento deve ser baseado em fatos e condutas concretas, devidamente provados e avaliados por Tribunal de Justiça".

## COMO FOI O CRIME



Na cozinha de sua casa, em Xapuri (AC), Chico Mendes diz aos PMS Roldão Rosendo e Lucas, seguranças que estavam jantando, que vai tomar um banho. Ele vai até a porta da cozinha, que dá para fora da casa, onde fica o banheiro



Ao abrir a porta, é emboscado por dois pistoleiros e atingido por um tiro de escopeta calibre 12 no lado direito do peito.



Júlio Nicácio, vizinho e amigo do sindicalista, ouve o disparo e corre para tentar socorrê-lo. Viu Chico Mendes ensanguentado, se arrastando em direção ao quarto dos filhos, onde morre.

## PARA ENTENDER O CASO

### 17 de novembro de 1988

O líder sindical e ecologista Chico Mendes denuncia ao juiz da comarca de Xapuri (AC) que Darli e Alvarino Alves da Silva o seguiam e "iramavam" seu assassinato. Ele percebeu a presença dos dois a partir da tarde de 27 de setembro. No dia anterior, a Polícia Federal do Acre havia recebido carta precatória originária de Umuarama (PR) pedindo a prisão preventiva de Darli e Alvarino

medalha de proteção ao meio ambiente, é assassinado às 18h30 em sua casa, em Xapuri, com um tiro de escopeta calibre 12 no lado direito do peito

### 27 de dezembro de 1988

Darli Alves da Silva, filho de Darli, se entrega ao então secretário de Segurança do Acre, Carlos Castelo Branco, e confessa ter matado Chico Mendes

### 7 de janeiro de 1989

Darli se entrega à Polícia Federal, mas se diz inocente

### 12 de dezembro de 1990

Marcado o início do julgamento de Darli e Darci Alves da Silva, em Xapuri

## Tribunal do Júri ainda divide advogados

LUÍS FRANCISCO CARVALHO\*  
Da equipe de articulistas

Os acusados pela morte de Chico Mendes serão julgados por sete jurados do Tribunal do Júri de Xapuri, Acre. São pessoas comuns, sem formação em Direito, escolhidas por sorteio. O júri é o vestígio romântico do Poder Judiciário. A sua atmosfera é teatral. Muitas vezes o veredito é polêmico e os protagonistas se transformam em heróis ou vilões.

As pequenas cidades, como Xapuri, costumam parar em dia de "grande julgamento". A população toma partido. Nas grandes cidades, quando o caso tem repercussão, emissoras de rádio transmitem parte do julgamento ao vivo, noite adentro.

Hoje no Brasil o júri julga apenas os autores dos crimes dolosos contra a vida: homicídio, infanticídio, aborto e auxílio ao suicídio. E os crimes de morte são normalmente contagiados pela emoção. A vida dos acusados e a memória das vítimas são viradas pelo avesso. A vingança, o ciúme ou a política como inspiração; a tociaia, a crueldade, o réu ilustre, a fama do morto, a revelação pública de intimidades, tudo contribui para que as pessoas não sejam indiferentes.

O júri existe no país desde a época do Império. Foi perdendo prestígio e atribuições, mas continua previsto no texto constitucional como garantia fundamental do cidadão. Até 1967 julgava também os delitos de imprensa.

O Tribunal do Júri provoca paixão e desprezo. Até os especialistas divergem. Há os que o consideram a mais democrática e natural forma de julgamento. Defendem a ampliação da sua competência. Argumentam que a decisão dos jurados reflete os valores culturais e éticos do meio social onde o crime foi praticado. Admitem a possibilidade de injustiças, mas advertem que os juizes profissionais também erram.

Os adversários do júri desconfiavam do juiz leigo. Alegam que no Brasil não existiram os antecedentes históricos e culturais que explicam o seu nascimento nos países de formação anglo-saxônica. Acusam o jurado de não levar em conta as provas reais do processo, de sentenciar conforme

a sua "consciência" —formada a partir da exibição demagógica de um orador talentoso ou da influência da opinião pública. Foi a partir do júri que se propagou uma das mais polêmicas teses jurídicas: age em legítima defesa da honra o marido que mata a mulher adúltera.

Cada julgamento famoso, o próprio Tribunal do Júri se submete a uma espécie de julgamento. Não será diferente na distante Xapuri. Os sete jurados não estarão reunidos para julgar a morte de Chico Mendes, mas os dois acusados pelo seu assassinato. Os ingredientes políticos apontam para uma decisão dramática. Ou frustrará a expectativa dos que esperam uma condenação severa ou fará com que estes homens apodreçam na cadeia.

## Atuação de líder sindical era reconhecida no exterior

EMANUEL NERI  
Da Reportagem Local

Toalha sobre os ombros, Chico Mendes dirigia-se ao banheiro, no quintal de sua casa, em Xapuri, para tomar banho. Eram 18h30 do dia 22 de dezembro de 1988. Ao abrir a porta que dava para o quintal, um tiro de escopeta calibre 12 o atingiu. Com mais de 40 perfurações de chumbo no peito, ele voltou, cambaleando, para dentro de casa.

"Esta vez me acertaram", disse. Antes de cair, ele se abraçou com sua filha, Elenira, na época com quatro anos. O amigo e vizinho Júlio Nicácio, que estava em sua casa, tentou socorrê-lo mas ele já estava morto.

Aos 44 anos, Chico Mendes foi apenas mais um entre milhares de vítimas da violência pela disputa de terra no Brasil. A diferença é que, no seu caso, não se tratava de um morto comum.

Ele era conhecido em quase todo o mundo. Embora fosse um sindicalista, acabou se projetando internacionalmente pela luta em defesa da floresta amazônica. Recebera o Prêmio Global 500 da ONU e diversos outros prêmios e títulos, no Brasil e no exterior. Sua morte desencadeou uma onda de protestos e de indignação. Ele já escapara de outros atentados.

Pouco antes de morrer, foi ao Hospital de Xapuri, pegar remédios para distribuir entre os se-

ringueiros. A Irmã Zélia, que o atendeu, ouviu uma previsão dramática: "Vou morrer até o dia 31 de dezembro". Ele já tinha enviado cartas ao então presidente José Sarney e a diversas autoridades, pedindo proteção de vida. Duas semanas antes, em um congresso sobre meio ambiente em Piracicaba (SP), fizera outra previsão assustadora.

"Não sou fatalista. Sou realista. Já denunciei quem quer me matar e nenhuma providência foi ou será tomada", disse. Ele tinha profundas queixas do descalço das autoridades, principalmente da Polícia Federal. Chegou a responsabilizar o superintendente da PF no Acre, Mauro Sposito, por qualquer atentado contra sua vi-

da. Acusava Sposito de ter facilitado a fuga dos irmãos Alvarino e Darli Alves da Silva, acusados depois de sua morte, segurando por mais de 15 dias um mandado de prisão contra eles.

Chico Mendes morreu lutando pela vida. "Quero viver para salvar a Amazônia", dizia. Na defesa dos seringueiros e das florestas, criou o "empate" —resistência pacífica à derrubada das florestas. Tratava-se de um cordão humano, formado por seringueiros, mulheres e filhos, que postava-se à frente de tratores e serras elétricas. Em 1988, os fazendeiros do Acre só conseguiram desmatar 50 hectares de selva dos dez mil previstos.

Por sua resistência pacífica, foi

comparado a Mahatma Ghandi. Quando morreu, a imprensa internacional não lhe poupou elogios. O jornal italiano "La Repubblica" o chamou de "Ghandi da Amazônia" e o "New York Times", de "mártir do holocausto amazônico". No Acre, era chamado carinhosamente, por seus colegas seringueiros, de "poranga" —espécie de tocha que serve para iluminar os seringais.

Chico Mendes desenvolveu um projeto extrativista para a Amazônia, provando que é possível explorar a mata sem derrubá-la. Seu plano provava que a floresta de pé rendia até três vezes mais do que derrubada e transformada em pasto. Para ele, a mata pertencia a todos que nela trabalhavam. Tal visão levou-o a articular

a União dos Povos da Floresta, que reúne índios e seringueiros.

Chico Mendes tinha também uma intensa atuação política. Presidia o Sindicato dos Seringueiros de Xapuri e o Conselho Nacional dos Seringueiros. Ajudou a fundar o PT, em 1980, e era dirigente nacional da CUT.

Filho de seringueiros e alfabetizado aos 24 anos, ele foi enquadrado, em 1981, na Lei de Segurança Nacional, por incitar os seringueiros à violência. Ameaçado de morte, teve seu porte de arma cassado por Sposito, sob a alegação de ligações com entidades "alienígenas e comunizantes". "Só se for a Fundação Ford, dos EUA", respondia. A fundação financiava seus projetos de preservação da Amazônia.

## Ecologista dizia que especulação fazia Amazônia virar um 'pasto'

Da Redação

No Natal de 1988, três dias depois de sua morte, o último depoimento de Chico Mendes ganhou força na imprensa: "Tenho esperança de ficar vivo. É vivo que a gente fortalece essa luta".

"Ao público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia", disse a Edilson Martins, do "Jornal do Brasil", em 9 de dezembro, no Rio. No 3º Congresso Nacional da CUT, em 9 de setembro de 1988, deu uma longa entrevista. Veja alguns trechos:

**Pergunta — Como a proposta de aliança entre os povos da floresta mudou o contexto de defesa da Amazônia?**

**Chico Mendes —** A região estava se tornando um enorme pasto. O objetivo era a especulação: desmatavam 2 mil hectares de floresta virgem, plantavam milha de pastagem. Assim, não tinha como o seringueiro viver. Criou-se em 1985 o Conselho Nacional dos Seringueiros por iniciativa do sindicato. Até aquele momento vivíamos uma luta isolada. O Encontro Nacional dos Seringueiros, em outubro de 85, em Brasília, contou com observadores nacionais e internacionais, e começou a crescer essa consciência de aliança, com os índios, já que as lutas eram iguais.

**Pergunta — O sindicato de Xapuri é só de seringueiros?**

**Chico Mendes —** Principalmente seringueiros. Mas ele atua também com colonos, alguns pedes de fazendas. Temos em Xapuri 3 mil filiados.



O líder sindical e ecologista Chico Mendes, morto em Xapuri (AC)

**Pergunta — Como está sua situação?**

**Chico Mendes —** Minha segurança ultimamente foi reforçada. Não que a morte de um seringueiro no Acre seja novidade. Mas é que nosso movimento tornou-se conhecido mundialmente. Principalmente junto às autoridades do Banco Mundial (Bird), do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Congresso americano. Ora, não se bate de frente com essas entidades.

**Pergunta — Quem mais o ameaça publicamente?**

**Chico Mendes —** Agora são dois fazendeiros em Xapuri, os proprietários da fazenda Paraná, Darli Alves e Alvarino Alves. Desde 1973, esses dois irmãos têm ordem de prisão no Paraná (\* veja entrevista nesta página).

**Pergunta — Quantos companheiros vocês perderam?**

**Chico Mendes —** No Acre, seis companheiros. De liderança expressiva perdemos o Wilson Pinheiro em 1980. Essa luta contra os desmatamentos criminosos começa no dia 10 de março de 1986. É aí que tem início o primeiro "empate" num seringal em Brasília, no Acre. Só que em 1980 o Wilson Pinheiro foi assassinado dentro do sindicato, pelas costas. Houve uma reunião de fazendeiros, em julho de 1980, em que ficou acertado que uma forma de barrar o movimento dos seringueiros era matar as principais lideranças. A nossa luta sofre um grande abalo. Mas logo depois ressurde em Xapuri. E Xapuri, via sindicato, começa a comandar as operações.

As duas primeiras questões foram publicadas na revista "Chico Mendes", do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Conselho Nacional dos Seringueiros e CUT. As outras são do "Jornal do Brasil" de 25 de dezembro de 88.

## Darci disse que matou seringueiro porque ele o denunciava à polícia

Da Redação

Em janeiro de 1989, Fernando Gabeira, enviado especial da Folha a Rio Branco, entrevistou Darli Alves da Silva e seu filho Darci, então com 21 anos, na penitenciária do Acre. O "Jornal do Brasil" também conseguiu uma entrevista com Darli.

**Folha — Quando começou seu conflito com seringueiros?**

**Darli —** Quando comprei a "colocação" de um tal José Brito. Seringueiro só pode vender a "colocação" para outro seringueiro. Só tinha dois jeitos de ganhar: desmatando e vendendo a madeira para a serraria próxima ou sendo desapropriado.

**Folha — O sr. foi desapropriado. Por que continuar a questão com Chico Mendes?**

**Darli —** Não tenho nada contra Chico Mendes. Disse a eles que podiam ficar à vontade nas minhas terras.

**Folha — Eles não aceitaram?**

**Darli —** Não. Eu mesmo tinha vontade de procurar Chico Mendes um dia e dizer para ele que ia ajudar o movimento deles. Mas tudo escondido, senão, a outra parte se zangava.

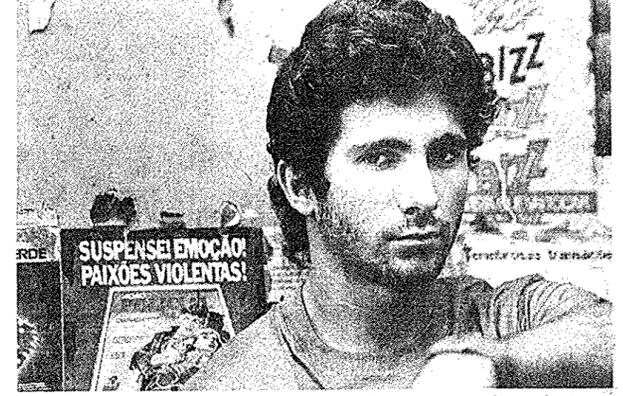
**Folha — A outra parte eram os fazendeiros da UDR?**

**Darli —** DNR não conheço.

**Folha — Era UDR e seu presidente, João Branco, foi visto na sua fazenda.**

**Darli —** Muita gente importante passava pela minha fazenda para comprar gado. Era só isso.

**Folha — Como é então que seu filho matou Chico Mendes?**



Darci Alves da Silva, que será julgado pelo assassinato do ecologista

**Darli —** Se o menino está dizendo que matou foi coisa só dele.

**Folha — Por que matar Chico Mendes?**

**Darci Alves da Silva —** Ele me denunciava à polícia toda vez que vinha a Xapuri e a polícia me revistava na frente da namorada.

**Folha — Você tinha muitas namoradas?**

**Darci —** Sim.

**Folha — Você pode reconstituir o que fez no dia do crime?**

**Darci —** Naquele dia acordei às 5h e tomei a decisão.

**Folha — Como planejou?**

**Darci —** Não planejei. Peguei minha escopeta e vim andando.

**Folha — Você acha possível, não ser visto pela polícia?**

**Darci —** Vim por outros caminhos.

**Folha — Você disparou ape-**

**nas um tiro? Não teve dúvidas se Chico morreu mesmo?**

**Darci —** Não.

**Pergunta — Quanto tempo o sr. ficou preso no Paraná?**

**Darli Alves da Silva —** Não fiquei nem uma hora preso.

**Pergunta — Quem avisou que havia um mandado de prisão?**

**Darli —** Foi meu cunhado Djair Gomes.

**Pergunta — E seu irmão Alvarino, onde está?**

**Darli —** Alvarino viajou. Não o vi mais.

**Pergunta — Escondido, tinha medo que os seringueiros o encontrassem?**

**Darli —** Eu achava que eles podiam me atacar. Mas não tinha medo, porque confio em Deus.

Os dois primeiros trechos, com Darli e Darci, são da entrevista feita por FERNANDO GABEIRA, publicada em 23 de janeiro de 89. O último trecho é do "Jornal do Brasil" de 9 de janeiro de 89.